

POD CAST JHSP



Japan House

Episódio 05

Cinema samurai: de Toshiro Mifune até os Jedi de George Lucas

Natasha: Oi. Sejam bem-vindos ao quinto episódio da terceira temporada do podcast da Japan House São Paulo. Eu sou a Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural, e vou te levar comigo em mais uma viagem pela cultura japonesa.

Nesta temporada, o tema é cinema! E, em cada um dos oito episódios, a gente vai mergulhar num grande tema que atravessa o cinema japonês. E quem me acompanha aqui é o Pedro Butcher, professor e crítico de cinema.

Pedro: Salve, Natasha. Já tem muito episódio disponível aqui no nosso feed pra quem quiser maratona o programa depois que terminar o capítulo de hoje. Inclusive, vamos dar um spoilerzinho sobre o tema desse episódio?

Natasha: Vamo... Hoje a gente vai falar de histórias de pessoas que colocam a honra acima de tudo.

Pedro: Um universo no qual o espírito do dever é soberano aos impulsos individualistas.

Natasha: Um contexto em que os personagens tentam encontrar um equilíbrio entre o niilismo total e a vontade de encontrar um sentido nas coisas.

Pedro: Parece até que a gente tá descrevendo uma peça de Shakespeare, né?

Natasha: Ou um romance do Dostoiévski.

Pedro: Só que não. A gente tá falando aqui dos filmes chanbara, um tipo de filme que aborda a história dos samurais.

Natasha: Quando a gente falou sobre as adaptações literárias para o cinema japonês, a gente já mostrou o quanto esses épicos contam histórias universais, histórias que podem despertar empatia tanto no ocidente quanto no oriente.

Pedro: E eu não tinha me tocado o quanto que os filmes de samurai também despertam, de certa forma, uma identificação muito específica em nós, brasileiros. Quem chamou atenção pra isso foi o João Lanari Bo, diplomata e professor de cinema. Ouve só o que ele diz sobre Os Sete Samurais, do nosso figurinha carimbada Akira Kurosawa.

JOÃO LANARI BO: O Zé Celso Martins tinha uma leitura dos Sete Samurais, como se fosse assim um Euclides da Cunha. A Terra, O Homem, sabe aquelas categorias dos Sertões, né? E aí não é que Os Sete Samurais tem um pouco disso mesmo? O camponês, a terra e enfim, o filme meio que se constrói em cima disso, e isso pra mim eu lembro que foi uma sacação bem legal, em termos de pensar a história do cinema... Um filme que tinha essa coisa juvenil, de repente ele reaparece com uma roupagem mais literária, assim, o filme é uma maravilha, Os Sete Samurais, realmente, é um negócio...

Natasha: Quem não conhece a fundo a origem dos samurais talvez pode tá achando um pouco maluquice essa comparação que o Zé Celso fez, e o que João trouxe pra gente. Como é que um livro sobre a Guerra de Canudos, no interior da Bahia, conversa com os samurais? A gente vai explicar.

Pedro: Os primeiros samurais surgiram no Japão Feudal do século IX. Etimologicamente, a palavra samurai significa “aquele que serve”, e era utilizada para aqueles que serviam aos membros do alto escalão da corte imperial. Com o passar do tempo, a palavra "samurai" passou a ser usada pra caracterizar os guerreiros que serviam aos senhores de terra, defendendo seus territórios nas disputas internas. Com o tempo, esse exército de homens se tornou um grupo militar importante, culminando em 1192, com a ascensão do xogum, líder militar que se sobrepôs ao imperador, tomando assim o poder das mãos da nobreza — quase uma história do Euclides da Cunha.

Natasha: É importante ressaltar, Pedro, que do final do século XV, período marcado

por diversas guerras internas, até o estabelecimento do xogunato Tokugawa, no ano de 1603, qualquer homem podia se tornar um samurai por meio de seus serviços em campo de batalha, independente da sua origem.

Mas a partir do período Edo, 1603, foi estabelecido um sistema social mais rígido, e os samurais se tornaram assim uma das classes sociais mais altas da época. Eles obedeciam a um rigoroso código de ética e conduta, chamado de bushidô. São sete preceitos: Justiça e Moralidade; Coragem; Compaixão; Polidez e cortesia; Sinceridade; Honra e Glória; e Dever e Lealdade. Em resumo, eles tinham de ser refinados, com bom caráter e leais a um superior. Ou seja: um exemplo moral pras demais classes sociais da época. Se alguma regra fosse quebrada, a forma mais digna de se reabilitar era num ritual de suicídio, conhecido no ocidente como harakiri, mas que os japoneses chamam de seppuku.

Pedro: Honra, justiça e lealdade são lemas que resumem bem a filosofia de vida samurai. Além, claro, de uma habilidade surreal com a katana, a espada samurai. E não é que a gente encontrou um samurai pra falar sobre isso no episódio de hoje?

MARCELO FORLANI: Fala galera, aqui é Marcelo Forlani do Omelete, da CCXP.

Pedro: Tá bom, é um quase-samurai.

MARCELO FORLANI: O que que um cara com o nome Marcelo Forlani, está fazendo aqui num espaço dedicado à cultura japonesa? Bom, apesar do nome e do sobrenome, eu tenho ascendência japonesa também como italiana. Meu tataravô estava no primeiro navio que veio do Japão pra cá. Então eu acho que talvez eu possa falar um pouquinho de cultura japonesa aqui também.

Natasha: O Marcelo é jornalista, crítico e um dos criadores do site Omelete. Ele sabe muito de cinema e até vai falar um pouquinho sobre filmes por aqui, mas o convite pra entrevista veio por causa de outro assunto. O kendô.

MARCELO FORLANI: O Kendo é a arte marcial dos samurais, praticada com espadas (...)

Pedro: Só um parênteses pra dizer que kendô significa, literalmente, caminho da espada. Segue, Marcelo.

MARCELO FORLANI: O Kendô ele utiliza uma espada de bambu, a gente não usa uma katana, uma espada de aço que vai cortar, vai machucar os outros. Não que o bambu também não deixe as suas marcas ali no corpo. Um golpe mal dado pode deixar alguns dias de roxo no corpo, mas explicando rapidamente a parte competitiva do

Kendô hoje em dia. Você tem alguns pontos básicos onde você pode acertar o adversário, que é o antebraço, que é o kote, a cabeça que é o men, o abdômen, se chama dô e a parte do pescoço, que é o tsuki. O tsuki, por ser uma parte perigosa, só o adulto que pode dar esse golpe, para justamente evitar maiores contusões, riscos maiores, aí, só os adultos podem dar esse tipo de golpe. E quando um golpe, às vezes numa competição ou mesmo num treino, acaba pegando errado, machuca um pouquinho, sim. Mas como é uma espada de bambu que a gente usa, ela tem uma flexibilidade bem grande e na verdade é mais um roxo que fica ali, não é nada que tenha me feito, por exemplo, desistir, né, e é isso...

Natasha: Com katana ou sem katana, o ensinamento samurai é o mesmo:

MARCELO FORLANI: Você sempre vai estar buscando uma melhoria, buscando uma técnica nova, um jeito diferente. Não tem assim, um caminho exato. Você pode ir aprendendo com vários senseis diferentes e cada um vai ter uma coisa diferente para te falar, às vezes até sobre o mesmo assunto, e você vai ter que achar o que se encaixa melhor no seu. Isso, enfim, é muito samurai mesmo, né, cada um tinha a sua técnica, ele ia desenvolvendo o que funcionava melhor com o que ele tinha atleticamente falando. O Kendô é parte muito importante na minha vida e com certeza por isso que Os Sete Samurais é um dos meus filmes favoritos da vida.

Pedro: Bom, cê pensou que a gente não ia voltar a falar do Akira Kurosawa? Não tem jeito, ainda mais quando o assunto é filme de samurai. E, bom, Os Sete Samurais foi quase que unanimidade entre os nossos entrevistados quando a gente perguntou como eles tiveram o primeiro contato com o cinema japonês.

Kiko Dinucci: Foi através de Os Sete Samurais

Cacau Ideguchi: Os Sete Samurais

João Lanari Bo: Que eu me lembro, inclusive pequeno, é Os Sete Samurais

Natasha: Mas o que que tem de tão especial nesse filme de mais de três horas de duração?

Pedro: Havia um pequeno vilarejo sobre um vale. E quatro samurais foram enterrados ali. Daí, então, o Japão foi transformado pela ambição samurai. Essa é a história de sete samurais que lutaram não por ambição, mas pra proteger camponeses indefesos. Esse é um trechinho do trailer do filme, que estreou nos cinemas japoneses em 1954, só quatro anos depois do Rashomon, que a gente já viu que foi um dos maiores responsáveis pelo reconhecimento mundial do cinema japonês.

Natasha: Diferentemente de Rashomon, que até tem um personagem samurai, aqui o foco é todo neles. Os Sete Samurais se passa no Japão de 1586, durante o período Sengoku, que foi uma época marcada por um monte de conflitos. O país tava mergulhado numa guerra civil onde vários clãs tentavam tomar o poder do xogunato para si.

Pedro: É nesse contexto que um pequeno feudo, que vivia sendo alvo de saques e banditagem, decide juntar o que tem pra contratar samurais pra fazer a sua proteção. Com três horas e meia de duração, o filme tem até intervalo. A primeira parte mostra esses aldeões recrutando os samurais; na segunda, vem a preparação pra batalha e a batalha propriamente dita.

Natasha: E que batalha! Martin Scorsese, que tem o Kurosawa como mestre, costuma dizer que Os Sete Samurais inaugurou o gênero de filmes de ação no mundo.

Pedro: A gente pode dizer que Os Sete Samurais têm dois aspectos muito importantes que contribuíram pro sucesso dele. O primeiro é que, com ele, o Kurosawa inaugura uma nova forma de filmar cenas de ação. Essa forma vai influenciar muitos filmes no Ocidente e no Oriente. E ela tem a ver com o enquadramento, com a montagem, enfim... Com o que a gente chama de mise en scène, na linguagem do cinema. O segundo ponto é o conjunto de atores, Os Sete Samurais são interpretados por todos grandes atores, e cada um deles tem um perfil um pouco diferente, o que dá uma coloração muito interessante para o filme.

Natasha: E, Pedro, eu acho legal a gente ressaltar que é um filme de ação de samurais, porque esse é um gênero dentro do gênero, né?

Pedro: Exatamente. De uma maneira bastante resumida, a gente pode falar que o cinema japonês pode ser dividido em dois grandes gêneros: o gendaigeki, filmes que retratam tramas contemporâneas; e o jidaigeki, que tem como mote as tramas históricas. Dentro dessas duas caixinhas — que de caixinha não têm nada, elas são enormes —, cabem muitos outros gêneros. Por exemplo, os chanbara. Esse som das espadas se chocando originou a onomatopeia que nomeia essa subclassificação do gênero jidaigeki, o chanbara.

Natasha: Os chanbara são aqueles filmes que são protagonizados por samurais e que possuem cenas de ação samurai propriamente ditas, com espadas, armaduras e tudo que tem direito. Influenciados pelo teatro kabuki, os chanbara são filmes que se preocupam demais com a forma. Neles, a violência é expressa pela intensidade do movimento que é apresentado pra gente. Cenas sangrentas, explícitas, até podem existir, mas não são prioridade. O realismo aqui fica em segundo plano.

Pedro: E, aproveitando que a gente tá falando tanto de samurai, o Pedro Tinen, crítico de cinema que estrelou nossos primeiros episódios, fez uma observação importante a respeito do termo.

PEDRO TINEN: Samurai é uma classe social guerreira, extremamente codificada no período medieval japonês e que uma grande parte dos filmes que a gente chama de filmes de samurai, não tem como protagonista ou não tem como elemento central da sua história samurais. Na verdade, principalmente os grandes filmes do Kurosawa, que a gente chama de filme de samurai, são protagonizados por ronins, não samurais. O ronin é próximo ao samurai, mas lembrando que o samurai é uma classe social codificada à condição, o título de samurai é dependente de uma relação de vassalagem. Então só se é samurai, só se é um guerreiro samurai quando você é vassalo de algum líder superior a você. Se esse líder falece, perde uma batalha, você se torna um ronin, que é um guerreiro sem um propósito, sem alguém por quem lutar. E são essas figuras que a gente vê com maior frequência nos filmes que a gente chama de samurai. E pode ser uma questão semântica, mas dentro de uma sociedade estratificada como é a sociedade japonesa medieval, são distinções importantes e que vão ter impacto na própria narrativa dos filmes.

Pedro: Completando um pouco o que o Pedro falou e só pra dar uma dimensão da influência dos filmes de samurai no Ocidente, basta lembrar de alguns remakes, algumas refilmagens dos filmes feitas por Hollywood. Em 1960, por exemplo, teve Sete Homens e Um Destino, que é uma versão dos Sete Samurais, que como o filme japonês juntava uma espécie de elenco all star dos astros de ação do cinema americano, então tinha Steve McQueen, Yul Brynner e até o Charles Bronson no elenco; e depois teve uma nova versão, em 2016, estrelada pelo Denzel Washington e Yojimbo do Kurosawa foi refilmado várias vezes, e uma delas pelo Bruce Willis, um filme chamado The Last Man Standing, O Último Matador, de 1996 com direção do Walter Hill, que é um grande diretor de filme de ação de Hollywood.

Natasha: Mas voltando à busca dos ronin por um novo propósito, que o Pedro Tinen citou, essa é uma característica que é elevada à décima potência no Harakiri, dirigido por Masaki Kobayashi, em 1962. Já que a gente não falou do Kobayashi até agora, acho que vale um parênteses sobre quem foi esse diretor.

Pedro: Masaki Kobayashi foi um diretor de cinema e roteirista japonês, mais conhecido pela trilogia épica A Condição Humana, que mostra uma perspectiva pessoal dele a respeito da Segunda Guerra Mundial. Kobayashi foi um ex-combatente do Exército do Japão e procurou no cinema uma forma de fazer o que ele entendia como justiça e de transmitir ideais anti-militaristas.

Natasha: Não é de se admirar que, com esse currículo, os chanbara dirigidos por ele não fossem nem um pouco simpáticos à categoria samurai.

Pedro: Muito resumidamente, o filme conta a história de um velho ronin que pede abrigo numa casa com o objetivo de cometer o harakiri. O dono dessa casa, surpreendentemente, conta pra ele que não é a primeira vez que uma pessoa pede pra cometer o harakiri ali e conta a história dessa pessoa que antes dele fez esse pedido. E aí tudo muda.

Natasha: É um filme que impressiona mesmo. E não sou só eu quem pensa assim. Olha o que o diretor de cinema Walter Salles falou pra gente.

WALTER SALLES: Eu fiquei muito impressionado com a capacidade de narrar uma história que é muito simples no fundo. Quer dizer, é um ronin desgarrado do seu núcleo, desgarrado também de um mestre feudal que não está mais ali e que bate na porta de um outro grupo pedindo para cometer o harakiri. Um gesto que na tradição dos samurais é um gesto de honra terminal. E o roteiro, de uma forma muito inteligente, é muito sucinto nessa explicação, mas bifurca rapidamente para a história de um outro ronin, que pede a mesma coisa e que, na verdade, não tem a coragem de fazer o harakiri. Mas se viu obrigado a fazê-lo. E o que o Kobayashi põe ali em questão é a validade do ato mesmo daquele ato de violência, sabe? A cena da morte, por exemplo, do primeiro ronin é das cenas, ao mesmo tempo mais violentas e mais críticas à questão da violência que eu já pude ver. Parece uma contradição em termos, mas não é. Chegou ao ponto em que, para não ter que pedir pela execução, o ronin morde a própria língua e corta a língua para não conseguir fazer o pedido.

Pedro: Eu acho que a gente pode resumir, talvez, que a importância do Harakiri, é que ele moderniza o filme de samurai, e ele traz, sobretudo, uma perspectiva bem mais crítica sobre o assunto e sobre a violência.

WALTER SALLES: Fiquei muito impressionado também pela modernidade da estrutura.

Pedro: De novo, o Walter.

WALTER SALLES: Primeiro, muito elíptica e pelo uso de flashbacks que não eram explicativos, mas que eram completamente narrativos e por uma música totalmente minimalista e brilhante. É quase que um único instrumento que entra em jogo e que pontua, mas deixa o silêncio tomar conta da narrativa. Ela está ali só para sublinhar um ponto ou outro. Achei um filme de uma grande modernidade. Às vezes você vê

alguns filmes de samurai, as atuações parecem muito teatrais, um pouco pronunciadas... Até em Kurosawa eu vejo isso. Por exemplo, em alguns momentos dos Sete Samurais, eu tenho impressão que acontece isso. No filme do Kobayashi não, existe uma contenção, uma espécie de gravidade naquilo que é dito. Cada gesto é muito impressionante. O filme é em scope e o uso do scope também é impressionante. Então, tanto na forma quanto no conteúdo, é um filme que me marcou muito.

Natasha: E eu sei que você deve estar se perguntando: o que aconteceu com os samurais; não no cinema, mas historicamente falando. A era dos samurais chegou ao fim no Japão com a Restauração Meiji, em 1868. Foi nesse ano que houve a queda dos militares xogun e o retorno ao poder da família imperial japonesa. Embora os samurais tenham perdido espaço, eles não deixaram seus valores e espíritos guerreiros de lado e até hoje o bushidô é bastante marcante em artes marciais como o kendô, por exemplo, que é o que o nosso querido Marcelo Forlani pratica.

Ouvindo tudo isso sobre os chanbara, eu pensei imediatamente nos westerns. Sabe aqueles filmes de faroeste hollywoodianos? Pensa aqui comigo: são universos baseados no desbravamento com disputas de territórios, na luta por poder — seja ele em maior ou menor escala.... O Marcelo Forlani concorda com essa minha viagem:

MARCELO FORLANI: Os filmes de Samurai, eles são o equivalente ao cinema westerns produzidos pelo Ocidente. O próprio Sete Samurais tem a versão western, que é Os Sete Homens e um Destino. Então é uma adaptação direta, são fontes realmente que foram utilizadas. O que você vai mudar um pouco é a arma, obviamente, você vai trocar a espada pelos rifles e revólveres ali, vai mudar a ambientação. Mas eu acho que o fio condutor, a história é a mesma, né. É uma solidão, é um cenário árido. É uma busca por justiça, né?

Pedro: Não só o Forlani, como o Pedro Tinen também.

PEDRO TINEN: A importância que o Kurosawa tem nessa dita ponte entre a cinematografia japonesa e a cinematografia ocidental, está relacionada a movimentos distintos, mas que estão muito ligadas à própria figura do Kurosawa, ele próprio como um cinéfilo. Ele era alguém influenciado pela cultura cinéfila, mas muito influenciado por diretores ocidentais, em especial John Ford, os grandes westerns de John Ford foram muito importantes para a primeira fase da carreira dele e na sua formação enquanto diretor e vão inclusive ajudá-lo a desenvolver um novo tipo de Jidaigeki, que a gente costuma chamar de samurai, mas não é uma categoria muito apropriada, mas vai aproximar esse gênero propriamente japonês e cujas obras tinham um certo grau de estranhamento para públicos ocidentais. Vai se

aproximar de uma linguagem do Western ao fazer essa conexão do ponto de vista pictórico, visual e até mesmo narrativo. Então, de um lado, tem o elemento de estranhamento de exotização, de através do cinema ter contato com a língua, uma cultura, uma imagem de marca, o pensamento pictórico distinto do que os públicos ocidentais estavam acostumados, mas de outro, também, tem um movimento inverso, que é uma aproximação do Kurosawa às linguagens, aos enquadramentos, às narrativas e desenvolvimentos de personagens e protagonistas que ele próprio assistia nos filmes de faroeste.

Pedro: Pois, é. Os dois filmes que eu citei anteriormente, Sete Homens e Um Destino e O Último Matador, são faroestes. A gente pode ver essa aproximação tanto do ponto de vista moral dos personagens que estão nessa terra sem lei, então tudo depende de decisões muito conscientes deles e também pode ver essa aproximação nas próprias sequências de ação. Os duelos tanto nos filmes de samurai, como nos filmes de faroeste. Tô certo, Pedro Tinen?

PEDRO TINEN: Da mesma maneira que Kurosawa vem influenciado pelo faroeste para repensar o filme de Samurai, o jidaigeki, o filme de faroeste começa a ser repensado e influenciado através dos filmes de samurai e dos Jidaigekis japoneses. E é com essa influência muito marcada que o Sergio Leone começa a realizar o seu western spaghetti e a gente pode pensar na adaptação de filmes como um marco evidente dessa revelação, até porque Por um Punhado de Dólares é uma adaptação de Yojimbo do Kurosawa. Então, essa aderência entre os dois gêneros, são dois gêneros que têm uma história, inclusive uma relação histórica contemporânea, eles nascem, chegam ao seu apogeu e têm seus declínios em momentos muito parecidos e têm uma relação estilística também muito próxima, que eles estão o tempo todo se realimentando e se reimaginando através um do outro.

Natasha: O Western e o Chanbara beberam da fonte um do outro. Mas tem um diretor americano específico que não bebeu só dessa fonte: ele mergulhou e nadou de braçada.

JOÃO JEDI: vai ser muito legal a gente bater esse papo e a gente conversar sobre Star Wars, sobre a influência da cultura japonesa em Star Wars, porque são várias. Acho que tem papo aí para a gente ficar pelo menos algumas semanas só discutindo todas as referências do George Lucas que ele pegou da cultura japonesa para os cavaleiros Jedi e para o universo de Star Wars o tempo todo se renovando, até mesmo quando ele nem está mais presente em Star

Wars. Então o que não falta é assunto.

Pedro: Não falta mesmo e essa voz aí que você ouviu é da melhor pessoa possível pra falar sobre esse assunto. Acho que melhor do que ele só mesmo o George Lucas. Esse é o João Jedi — ou João Cunha, pros mais chegados. Ele é publicitário e criador do Diário Rebelde, um dos principais canais sobre Star Wars no Youtube brasileiro.

JOÃO JEDI: O George Lucas começou a consumir filmes muito novo. Era um sonho do George Lucas trabalhar com cinema, trabalhar contando histórias. Ele sempre teve várias influências cinematográficas, a começar por Flash Gordon, por exemplo, das aventuras semanais super episódicas de Flash Gordon, mas também consumindo os filmes de Akira Kurosawa, tendo todo esse impacto da cultura japonesa em cima dele, como um cineasta, como um estudante de cinema ali. E era algo que sempre o apaixonou. Ele como um contador de história, ele teve essa visão de unir as aventuras episódicas de Flash Gordon com o sentimento, com a vibe dos guardiões da paz e da Justiça. E de que forma que ele enxergava esses guardiões da paz e da Justiça? Para ele, a forma melhor tangibilizada disso aí eram os samurais.

Natasha: Não só filosoficamente, como esteticamente também. Fecha os olhos e pensa naquela cena do Obi Wan Kenobi e do Darth Vader duelando com os sabres de luz, lá no primeiro filme de Star Wars. Ou melhor, pensa na figura do Jedi. Qual é a missão dessas figuras? Aliás, o nome Jedi não te lembra o Jidaigeki, um certo gênero do cinema japonês?

JOÃO JEDI: Toda a cultura japonesa da honra dos samurais, do combate com espada, de guerreiros cheios de honra, que utilizavam essas armas para seus fins. E ele, claro, deu uma breve adaptada para traduzir isso com os guerreiros da paz e da justiça dos Cavaleiros Jedi' e não só como os Jedi, como o uso da cultura japonesa no sentido heroico, por assim dizer, mas também até mesmo no estilo dos filmes.

Pedro: Bom, cês viram porque o João falou que a gente poderia passar horas listando as referências samurais em Star Wars? Acho legal ressaltar que o George Lucas nunca teve problema nenhum em deixar explícita a enorme dívida que a saga Star Wars tem com os Chanbara, especialmente com aqueles filmes dirigidos pelo Kurosawa.

São inúmeras as entrevistas em que Lucas se lembra de ter ficado impressionado com a forma como os filmes de Kurosawa levaram o público ocidental pro centro de um mundo estranho, sem qualquer explicação sobre a cultura e as regras desse mundo. E dito e feito: ele usa a mesma abordagem na saga dele, atirando os

espectadores direto da poltrona do cinema pra ação intergaláctica, sem qualquer pausa pra explicações.

Natasha: E se tem um filme que faz isso que o George Lucas tanto admira, esse filme é A Fortaleza Escondida, lançado pelo Kurosawa em 1958. Conta a história de dois homens do campo que tentavam voltar pra sua terra depois de uma guerra feudal. No meio do caminho, eles encontram um samurai derrotado, mas disposto a ajudar sua princesa a reaver seu posto na realeza, e também a recuperar a fortuna de seu clã. Lembra alguma coisa?

JOÃO JEDI: Tem o filme da Fortaleza Escondida, que foi um filme que influenciou muito o episódio quatro, Uma Nova Esperança, que na época não era Episódio Quatro Uma Nova Esperança era apenas Star Wars Guerra nas Estrelas, que era a história de dois personagens atrapalhados e pobres que serviam a um reino. E a gente acompanhava a história pelo ponto de vista deles, de uma guerra em que uma princesa era sequestrada e uma princesa que tentava derrotar um governo super maligno e tal. E aí a gente via todo esse todos esses eventos, dessa guerra e desses problemas que a princesa passava pelo ponto de vista desses dois personagens. E isso foi de total influência para a estrutura do Star Wars original, onde a gente tem o C-3PO e o R2-D2, que são dois dróides que não fazem parte diretamente da Guerra nas Estrelas acontecendo, estão ali servindo a princesa, que no caso é a Princesa Leia, mas que a gente acompanha tudo do ponto de vista deles. O filme começa do ponto de vista deles e se desenrola a partir do que a gente conhece, claro, os protagonistas, e mais a fundo a princesa Leia. Mas a estrutura está ali, foi uma base que o George Lucas pegou do cinema japonês para isso. O próprio Obi-Wan Kenobi também que era interpretado pelo Alec Guinness no Star Wars original, o George Lucas queria anteriormente que fosse o Toshiro Mifune que interpretasse o Obi-Wan, justamente por ele ser esse samurai honrado dos filmes do Kurosawa e a estética também dos filmes do Kurosawa.

Pedro: Olha, quem diria, Toshiro Mifune jedi... E, pra falar a verdade, não ia ser muito diferente dos samurais que ele interpretou ao longo da carreira.

JOÃO JEDI: Mas o que é mais marcante na roupa Jedi, e que a gente pode fazer toda essa similaridade, é o próprio sabre de luz. Por mais que a túnica tenha um design muito parecido com o do samurai de outrora, o sabre de luz, traz essa aura mitológica nos cavaleiros Jedi que os samurais também tinham de guerreiros que apareciam do nada, simplesmente faziam o que tinham que fazer, saíam e resolviam. Os cavaleiros jedi eles meio que têm essa vibe, né? Se a

gente for olhar os Jedi, na verdade, no conceito deles de defensores da paz e da justiça na galáxia, você vê um cavaleiro jedi na galáxia de Star Wars, não é algo comum, a galáxia tem trilhões de pessoas. Então, numa galáxia que você tem 20.000 jedi, você pode viver na galáxia de Star Wars e nunca ter visto um jedi. E você podia viver no Japão e nunca ter visto um samurai também. Então, toda essa mítica que se constrói está muito em volta também do sabre de luz, está muito em volta também do uso da espada como uma arma de honra, como uma arma muito icônica e as lições dos jedi também, muito influenciadas pelo budismo. Aí a gente já está puxando um pouco mais para a religião e tal. Mas é outro ponto muito interessante, porque toda essa cultura de não pregar o apego, de controlar suas emoções também vem muito do budismo. E os cavaleiros jedi também estão um pouco dentro desse espectro até porque, se eu bem me lembro, o George Lucas tem total influência budista.

Natasha: Sobre o sabre de luz ser uma "arma de honra", há uma cena num dos filmes dessa trilogia mais recente do Star Wars, Os Últimos Jedi, em que isso que o João falou ficou muito claro. Eu vou tentar resumir rapidinho: a Aliança Rebelde tá encurralada e o Luke Skywalker precisa fazer alguma coisa pra salvar toda aquela gente. Bom, aí vocês sabem que se tem alguém que sabe lutar com sabre de luz, esse alguém é o Luke Skywalker. Mas ele prefere não empunhar o sabre. Ele opta por usar a mente.

JOÃO JEDI: No Os Últimos Jedi, o episódio oito, tem a cena do Luke Skywalker atraindo o Kylo Ren, atrasando na verdade o Kylo Ren, para dar tempo da resistência fugir. E ali tem um conceito muito claro do samurai, que é puxar a espada apenas em último caso. E o Luke Skywalker quando está fazendo aquilo, sendo uma aparição, uma espécie de projeção da força à distância, por mais que ele puxe a espada, ele não está ali para atacar o Kylo Ren. Ele está ali para defender. Então, metaforicamente, é como se o Luke Skywalker nunca tivesse puxado a espada para enfrentar o seu inimigo. E isso é uma vibe totalmente samurai. A espada tem que ser o último recurso. O sabre de luz tem que ser o último recurso. Isso pro samurai também existe.

Pedro: E eu acho que o mais legal de toda essa história de Star Wars é ver que essa admiração pela cultura japonesa não se encerrou no George Lucas. Os Últimos Jedi, que foi dirigido pelo Rian Johnson, é um exemplo claro disso, mas eles vão ainda além:

JOÃO JEDI: Não ficou só preso lá atrás, lá no Star Wars original. (...) Agora, o ano de 2021, ano passado, em que a gente tem essa

perspectiva inovadora de alguns estúdios de anime consagrados, desenvolverem curtas próprios de Star Wars, com a estética de anime, que faz total sentido que tem toda a vibe de Star Wars, toda a vibe estética de Star Wars e o Star Wars Visions, eu acho que ele foi inovador no sentido de não se prender à cronologia de Star Wars. Assim, tem um evento ou outro sim que se prende e tal, mas eles estavam livres para contar histórias que se encaixassem no estilo de anime de cada estúdio. Então a gente tem no Star Wars Vision nove episódios, cada um com uma estética diferente, contando uma história diferente, sem estar preso ao universo Star Wars.

Natasha: O Marcelo Forlani conta sobre o que é o primeiro desenho da série:

MARCELO FORLANI: Em Star Wars teve recentemente a série animada Star Wars Visions, que pega e escancara de vez este paralelo entre Star Wars e os samurais, colocando realmente em um primeiro episódio dessa série, Star Wars Visions, que é uma homenagem linda para Os Sete Samurais. Ele é inclusive feito em preto e branco, ele parece que é um nanquim assim que coloca samurais usando sabres de luz. Para mim aquilo é lindo demais.

Pedro: Olha, é muito lindo mesmo. E a gente pode citar mais um diretor que tem evidentemente uma grande influência de todos filmes de samurai e ronin, e de todos os tipos, ele não era só fã de Kurosawa, que é o Quentin Tarantino. É só ver o Kill Bill, por exemplo.

JOÃO JEDI: Está o tempo todo nessa cultura de remix. Essa cultura de reaproveitamento, de referências e da criatividade, mas ao mesmo tempo, também utilizando esses pontos da cultura para poder contar novas histórias para poder expandir o universo. Expandir a galáxia de Star Wars.

Natasha: Tipo o que aconteceu com J-horror ao redor do mundo?

Pedro: Ah, mas isso aí a gente só vai descobrir no próximo episódio.

Natasha: O podcast da Japan House São Paulo é uma produção da Rádio Novelo. A produtora e roteirista deste projeto é a Clara Rellstab e a editora é a Claudia Holanda. O tratamento de roteiro é do Tiago Rogero e Miyuki Teruya. A sonorização é da Júlia Matos, e a mixagem é da Pipoca Sound. A música original é da Mari Romano. A estratégia de promoção é da FêCris Vasconcellos. Os conteúdos para redes sociais foram feitos pelo Tércio Saccol e pela Laura Ashley. A identidade visual é de Thiago Minoru. A coordenação da Japan House São Paulo é de Miyuki Teruya e o conteúdo digital da Japan House SP é de Thelma Nakae e Júlia Casadei. No site da Japan

House, você encontra mais conteúdo a respeito dos filmes que a gente trouxe no programa. Eu, Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural da Japan House São Paulo, apresento esta temporada na companhia do Pedro Butcher. Até semana que vem, Pedro!

Pedro: Até mais, Natasha!